



Rosa Montero Íntima radiação

Lúis Ricardo Duarte

Primeira mulher a doutorar-se em França, primeira mulher a receber um Prémio Nobel, primeira mulher (ou homem, sublinhe-se) a receber dois prémios Nobel e a única a fazê-lo em duas áreas científicas diferentes, responsável pela descoberta e pela medição da radioatividade, do polónio e do rádio. O currículo de Marie Curie impressiona, de facto, mas não é o que verdadeiramente faz dela uma das mais fascinantes figuras de todos os tempos. É sobretudo a paixão com que viveu, o espírito indomável que a caracterizava e sem o qual, aliás, não teria alcançado tantas distinções num mundo - o da viragem do século XIX para o XX - fortemente dominado (e minado) pelos homens e senhores doutores.

É com esta personalidade única que Rosa Montero dialoga no seu novo livro, *A Ridícula Ideia de Não Voltar a Ver-te*. Trata-se

de uma obra eminentemente autobiográfica, que procura na experiência alheia um suporte para entender e enquadrar a sua. Pouco depois de ter perdido o marido, o jornalista Pablo Lizcano, a escritora espanhola recebeu um *email* com um desafio: prefaciar o diário que Marie Curie escreveu no ano que se seguiu à morte do marido. Coincidências, paralelos e analogias. A sugestão da "sábia, feiticeira, maga" Elena Ramírez, da editora Seix Barral, não era inocente. E Rosa Montero, que andava às voltas com um romance bloqueado, mordeu o isco. De início, com relutância. "Este não é um livro sobre a morte", confessou na abertura. "Na realidade, não sei bem o que é, ou o que será". Depois, com visível prazer e entusiasmo, embora a dúvida percorra toda a obra. "Digo a mim própria que o que sairá deste livro talvez seja uma coisa intermédia", conclui.

A Ridícula Ideia de Não Voltar a Ver-te é, por isso, uma obra hí-



Rosa Montero Um diálogo com Marie Curie

brida, sendo essa a sua principal força e fraqueza. Sem pretender ser um relato exaustivo, Rosa Montero viaja livremente pela vida de Marie Curie, destacando os episódios que considera mais relevantes. Baseia-se nas muitas biografias que já foram lançadas, privilegiando a intimidade que se pode descobrir entre factos e fotografias. O trabalho árduo no armazém decrepito, o cansaço, a entrega ao saber, a inteligência e a perseverança: por estas páginas sobressai a personalidade de Marie Curie, quer no laboratório, quer quando a morte de Pierre

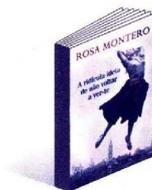
Curie, num inesperado acidente de carro, lhe bate à porta. São nestas passagens que os paralelismos entre Rosa Montero e Marie Curie fazem mais sentido - não porque as perdas ou os lutos se comparem, apenas porque "a verdadeira dor é indizível".

Para a autora de *Instruções para Salvar o Mundo*, a morte do seu companheiro de tantos anos é território de fogo e de silêncio. "Se conseguimos falar do que nos angustia estamos com sorte: significa que não é assim tão importante", afirma. "Quando a dor cai sobre nós sem paliativos, a primeira coisa que nos arranca é a Palavra". Na verdade, as palavras do diário de Marie Curie, que cita abundantemente e que surgem como apêndice, são uma tentativa

de romper o indizível. Uma opção arriscada, sem dúvida, dada a força e a franqueza do testemunho da cientista polaca, nascida em 1867 e falecida em 1934. E também porque sem falar do seu caso particular, Rosa Montero cai algumas vezes nas armadilhas das generalizações. Mas quem o pode censurar?

São fragilidades que a escritora espanhola reconhece e expõe no livro, incluindo as críticas de quem leu a primeira versão do manuscrito, e que compensa com a sua extraordinária sinceridade. Na linha de *A Louca da Casa*, Rosa Montero dá-se a conhecer numa conversa solta e sem guião. Ficam na memória os episódios pessoais (os tais que, num livro deste género, sabem a pouco), as confidências literárias e a afirmação de uma peculiar forma de encarar o mundo e a vida.

Passadas mais de sete décadas, os cadernos de notas de Marie Curie, em depósito na Biblioteca Nacional de França, ainda são considerados nocivos para a saúde, tal a quantidade de radiações (as mesmas que vitimaram a cientista) a que foram expostos ao longo dos anos. Ao perceber os perigos de um embate com Marie Curie, Rosa Montero soube abrir a porta a uma intimidade que, não sendo exposta, pode ser intuída. E complementada com a experiência do leitor. **RL**



Rosa Montero
A RIDÍCULA IDEIA DE NÃO VOLTAR A VER-TE

Tradução de Helena Pitta, Porto Editora, 176 pp, 14,40 euros